

## **BIG BANG**

IMPRESSÕES DE LARGA ESCALA  
EM CONTEXTO OFICINAL NA ESAD.CR  
2023/2024

## **ORGANIZAÇÃO**

RICARDO CASTRO

## **EXPOSIÇÃO**

GALERIAS DO TURISMO  
CALDAS DA RAINHA  
ABRIL 2025

## **APOIO**



ESCOLA SUPERIOR  
de ARTES e DESIGN



BE  
BE



*introdução*

RICARDO

CASTRO

Julga-se que o Big Bang foi a expansão de um estado concentrado inicial, do nosso universo em galáxias e que toda esta matéria continua ainda hoje em expansão.

Tentar pensar num ponto inicial é infrutífero: a lógica torna-o absurdo. O que terá começado primeiro: o movimento ou o vácuo? a palavra ou a dança? o vento ou o tempo? a cova ou o covil?

O fim é sempre mais certo certo do que o início. Medir grandezas são piruetas infindáveis para encontrar soluções. O paradoxo é mais divertido: estar em frente ao abismo e dar um passo em frente.

Consideramos os nossos actos com melodias expansíveis, pistas de som sem início nem fim. Apreciar os movimentos e não os seus fins. Subir a escala e agarrar a sequóia pelos ramos.

Aproveitantando a prensa de metal de grande formato da Esad.Cr, convidamos artistas gráficos a fazer esta escalada em contexto oficinal, trabalhando matrizes para impressão *in loco* em duas sessões de um dia cada.

A única regra conductora era respeitar o formato único de impressão de 100cm x 70cm. Em cada sessão tivemos dois artistas gráficos a trabalhar ao mesmo tempo, elucidando os presentes (com sessões abertas a alunos e comunidade escolar em geral) sobre os seus métodos, imprimindo as suas matrizes, gerando uma série de vinte provas - cartazes que se transformam em livros, livros que se transformam em cartazes.

Trabalhar e olhar para esta escala esgotará ligeiramente essa ideia de finitude: esgotando um limite, abrirão outros.







ISABEL  
BARAONA

As sibilinas sílabas da sibila, as sílabas da sibila sibilina, as sílabas sibilinas da sibila, serpenteiam s̃s neste estranho e tautológico cântico que responde a uma das perguntas lançadas pelo Ricardo Castro: “o que terá começado primeiro : (...) a palavra ou a dança?”

É também uma cantilena trauteada desde o início do ano de 2023, em desenhos e pinturas sobre papel, e agora sobre esta gravura cega. Esta gravura dialoga ainda com dois livros de artista lançados recentemente, Exercício de declinação e Exercício oracular. A prática artística é um fluxo, momento meditativo e de experimentação, é uma aprendizagem contínua.

A matriz consiste em um linóleo escavado manualmente e o desenho foi esboçado em espelho, i.e., como se estivesse “ao contrário”. Foram feitas algumas experiências de cor impressas em suportes diferentes, sobre papel XXX e sobre papel Fabriano. A tiragem final, de 8 exemplares, foi feita em gravura cega sobre papel Fabriano (com grande percentagem de algodão) que permite obter um relevo saliente. Para acentuar o relevo da impressão os linóleos levaram uma camada de verniz transparente, e há um pequeno apontamento em amarelo. O desenho é (quase) uma escarificação sobre o papel; as letras e sílabas, um murmúrio.

Gosto da natureza ritual da gravura e de exigir “corpo”, desenha-se e escava-se, escova-se e limpa-se, há um lado de força (quase) bruta no manuseamento de algumas ferramentas e no uso da prensa, é claro, que pode contrastar com os resultados, com a delicadeza da impressão e do suporte-papel. E há este convite a uma experimentação orientada, a partir de uma única matriz podemos obter resultados muito variados conforme o papel e a tintagem (ou falta de dela). Um Big Bang de possibilidades.





“Sibilas”, Linogravura, 100x70cm

BOA VIDA BERTA E VERMELHA  
EM VIDA VELHA  
ESPERANÇAR  
INTEIRAMENTE  
NAS IMAGENS  
SER LUCIDAMENTE  
SER TRANSCENDENTE  
CANHESTRA  
TORTUOSAMENTE  
E SEMPRE SAZONAL  
NAS MÃOS ENTRE LINHAS  
E C O L O H O L O S  
ALVOROCOS  
TURBILHÃO  
VIVA  
SEMPRE DESEJAR O DESEJO



PRAAA ALEGRIAS

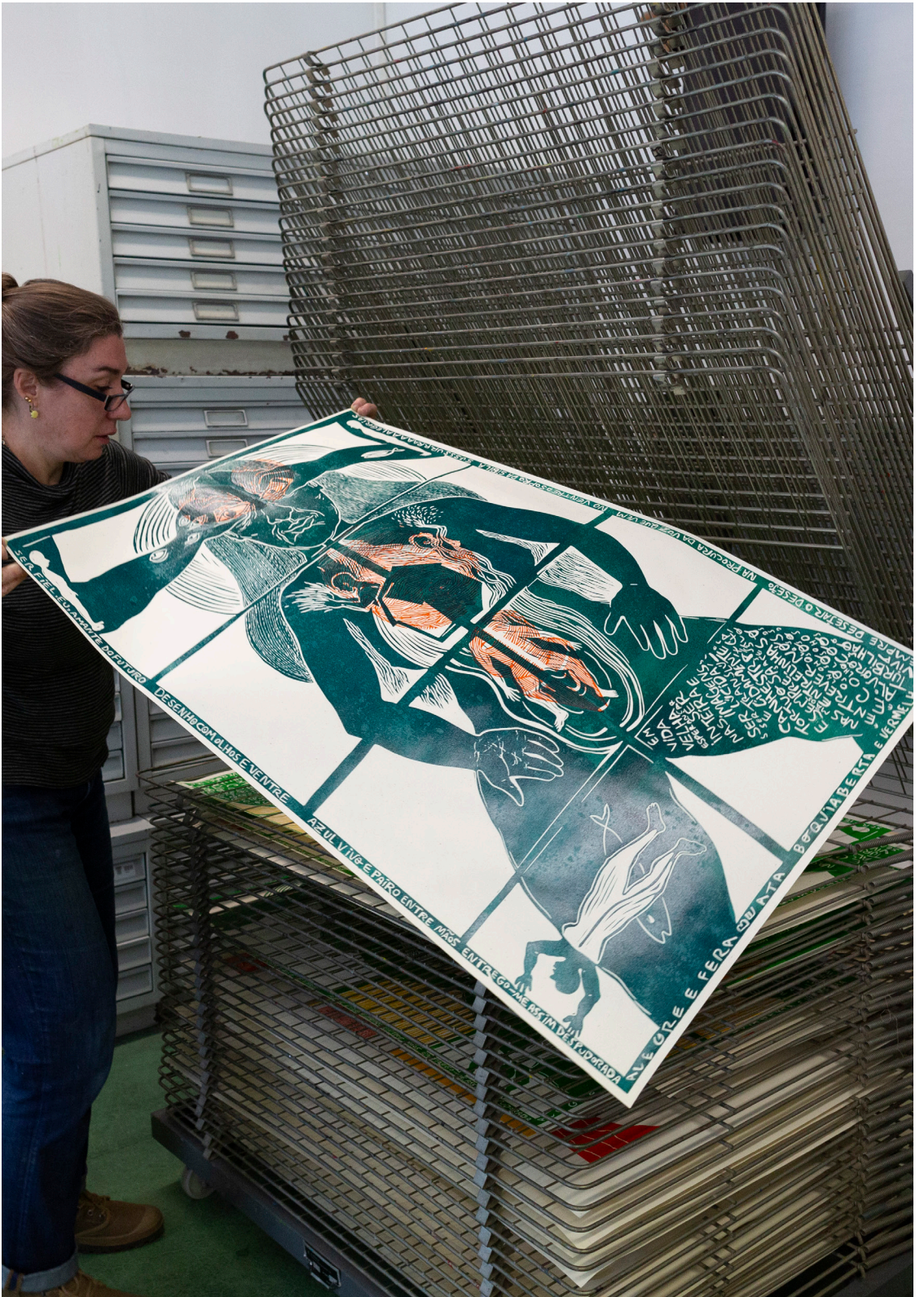
VA PROCURAR



NO VENTRE O SOPRO DA S



DESENHO COM OLHOS E VENTRE



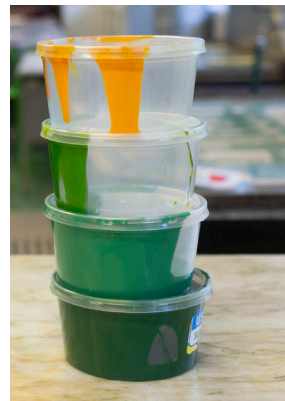


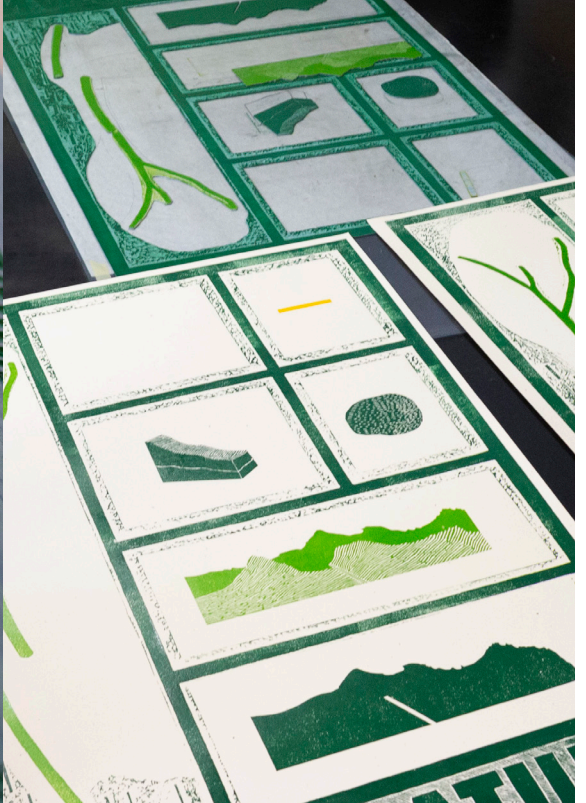
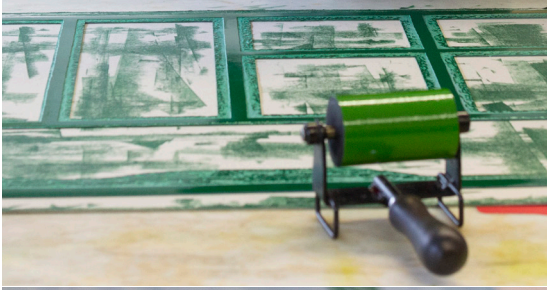
CATARINA  
LEITÃO

NATUREFATURA insere-se num corpo de trabalho de desenho e escultura no qual tenho vindo a propor a ideia de uma continuidade absoluta e não-hierárquica entre os conceitos de humano, natureza, artifício e cultura.

Com esta gravura pensei produzir uma imagem alusiva a um cartaz, reunindo um índice de imagens com referência aos meus desenhos da série Naturfatura. Os desenhos representam anotações possíveis e constituem-se como fabulações sobre uma ideia de observação científica que me permite fundir formas, noções e sensações dos universos do orgânico, do manufacturado, da geologia e da botânica.

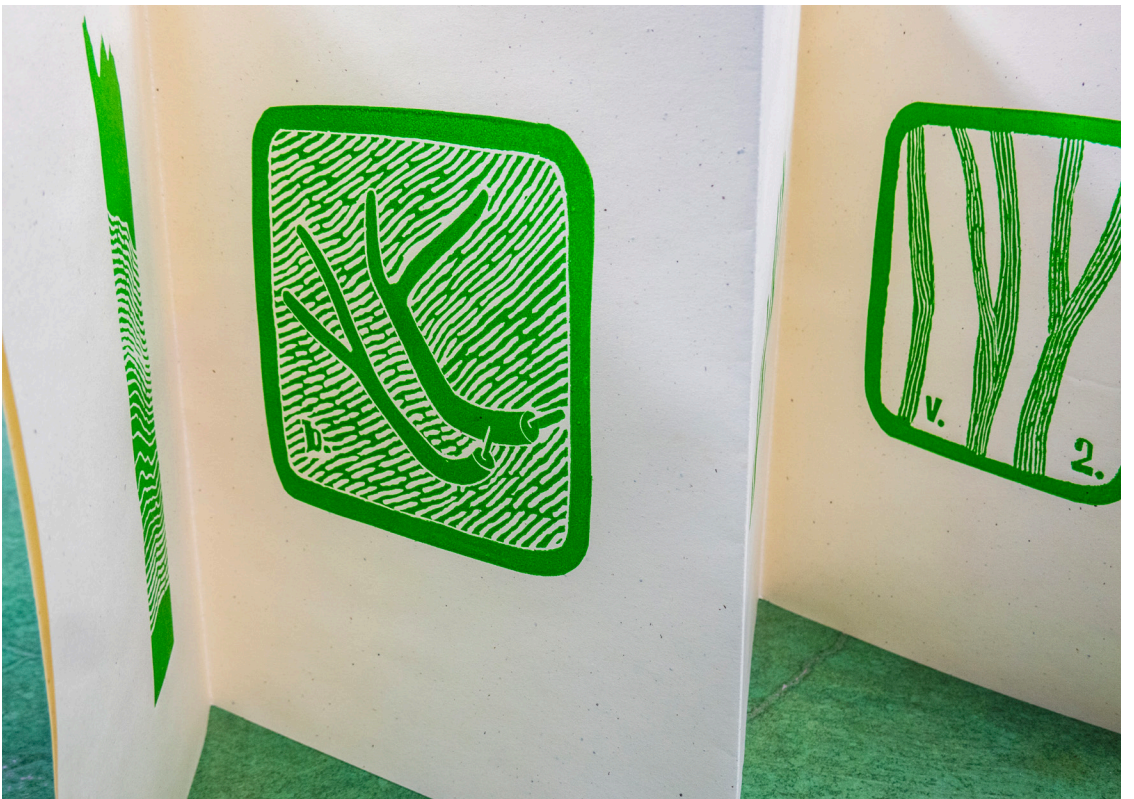
A matriz desta gravura foi recortada e depois escavada com uma ferramenta rotativa. A técnica do recorte e a combinação de matrizes distintas permitiram a impressão a três cores numa passagem única pela prensa.







“Naturfatura”, Linogravura, 100x70cm



**A MONTANHIA**



LUCAS  
ALMEIDA

Ao encarar o lineóleo, o primeiro passo foi encontrar o centro, e só a partir desse ponto se pode dar a expansão. Depois de experimentar várias ferramentas, encontrei a que mais se adequa ao que pretendia, a rebarbadora.

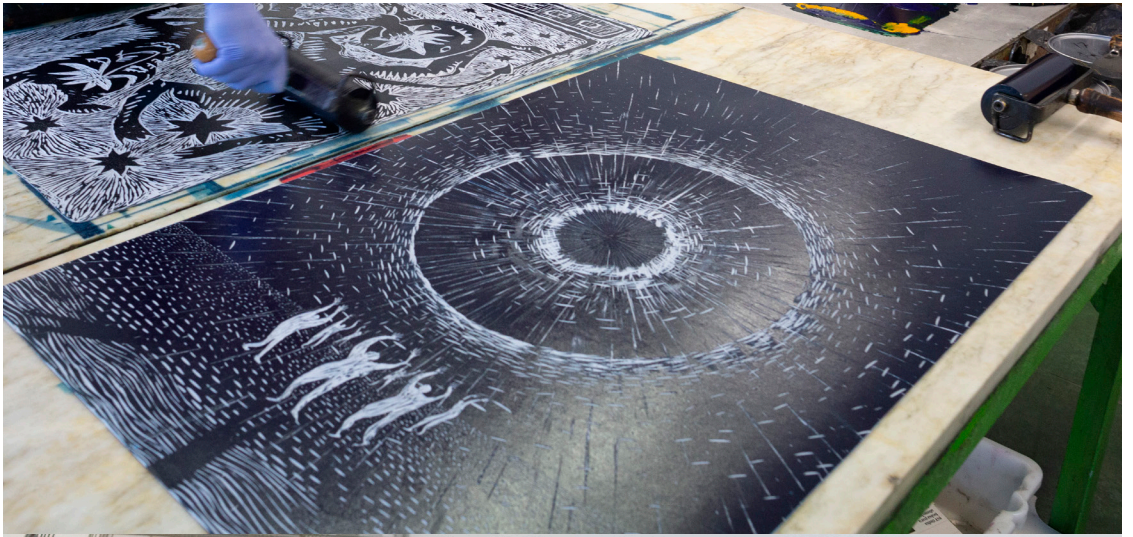
Da sua força e desafio no seu uso de forma delicada, surge a satisfação. Foi usado também o x-acto nas linhas finas perto do centro para criar profundidade e um serrote japonês para as linhas mais grossas e para criar texturas. Começou o processo assim e depois a expansão foi inevitável.

À medida que ia crescendo e chegando aos limites do lineóleo, a questão foi surgindo... e agora? Além desta explosão que mais está latente a estes círculos de expansão?

O ritual, a prática espiritual, a representação do invisível, de seres que se juntam, despem-se do corpo e dançam.

Emanam, vibram, expandem...

Assim como a rebarbadora encontrou um equilíbrio da sua força num trabalho delicado, este trabalho procurava encontrar um equilíbrio de uma imagem que transmite algo de primitivo.





"Big Bang", Linogravura, 100x70cm



**ALICE GEIRINHAS** No campo da criação e investigação artística Alice Geirinhas tem desenvolvido um corpo de trabalho a partir da teoria feminista interseccional sobre identidade, sexualidade, resistência ao histórico, da ideia do pessoal é político e da poética do político, traduzido em diversos media: desenho, livro de artista, fanzines, vídeo, escultura. Fundou e pertenceu a coletivos artísticos, dos quais destaca, A Vaca que Veio do Espaço (1986-88), com João Fonte Santa e José da Fonseca, Sparring Partners (1995-2010) com João Fonte Santa e Pedro Amaral e Girlschool com Susana Mendes Silva (2016-2020).

À sua primeira exposição individual A Nossa Necessidade de Consolo É Impossível de Satisfazer na Zé dos Bois (ZDB) em 1995, seguiram-se entre outras, Existem Pedras Nos Olhos, Galeria Quadrum, Lisboa, Ce sex qu'est pas un, Museu do Neo-realismo, Vila Franca de Xira; Chora/Khora, Gaivotas 6, Lisboa, Alice, Bedoteca de Lisboa. Das exposições coletivas que integrou destacam-se, Ver no Escuro, CAA, Águeda; 15 Anos de MACE-Aqui Somos Rede, Elvas; 2012-2020 obras da Coleção António Cachola, MACE, Elvas; Vanishing Point, Cordoaria Nacional, Lisboa; Género na Arte: corpo, sexualidade, identidade e resistência, MNAC, Lisboa; Re-produtores de Sentido, SESC Rio de Janeiro; Portugal: 30 Artists Under 40, The Stenersen Museum, Oslo; Toxic, o Discurso do Excesso, Hangar K7, Fundação de Oeiras; Em Torno de Camilo – II Bienal de Famalicão, Fundação Cupertino de Miranda, Bienal de Jovens Artistas, Rijeka, e Tudo o que é sólido dissolve-se no ar, Museu Berardo e Low, ZDB ambas como Sparring Partners. É licenciada em Escultura pela Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, mestrado em Práticas Artísticas Contemporâneas na Faculdade de Belas-Artes do Porto com a dissertação, O sentir sexual da diferença: o legado de Luce Irigaray na nova subjectividade e é doutorada em Arte Contemporânea pelo Colégio das Artes da Universidade de Coimbra com a tese Como Eu Sou Assim, Mapeamento na Primeira Pessoa: Documento e Índice, uma investigação sobre a autobiografia visual nos processos e práticas artísticas.





“Fábulas”, Serigrafía, 100x70cm



LUIS  
HENRIQUES

Quando recebi o convite do meu amigo Ricardo Castro para escavar uma placa de linóleo de um metro por setenta andava a ler um livro com o título *High Weirdness*. Um dos capítulos versa sobre as experiências do escritor Philip K Dick, atravessadas pela paranóia e pelo gnosticismo.

Os gnósticos rejeitam a ideia de um cosmos harmonioso e musical. Tamanha confusão de fogo e de frio, tamanha prisão de matéria para as pobres almas... Só podem ser obra de um deus um tanto limitado, um Demiurgo.

Demos e Ergon misturam-se no Demiurgo, o artífice que trabalha com as mãos para toda a cidade. O deus imperfeito trabalha a matéria, o artífice trabalha a madeira (ou o linóleo, ou o vinil, ou *lo que sea*). Vai dar ao mesmo. Por muito hábil que seja, luta com a rusticidade da coisa. Se for inábil e não tiver muita prática (como é o meu caso) o resultado não será certamente um Adão *high end*.

Demo é também o demónio. Migado durante séculos pelas rodas de santa cristandade, o demiurgo ficou com o corpinho todo retorcido. Um autêntico diabo de feira.

Nuns trabalhos que fiz recentemente para a editora Antígona foi-me pedido que tivesse em conta o estilo das figuras utilizadas nas capas anteriores da mesma colecção, da autoria do célebre gravador nordestino Jorge Francisco Borges. Este género de figura costuma ser utilizado nos folhetos de cordel. A ocasião faz o ladrão. E nesta ocasião festiva (Big Bang!) nada me pareceu mais oportuno do que reciclar os pobres diabos que tinha feito para as capas, juntando-lhes umas poeiras cósmicas, umas estrelas e umas texturas raiadas.

Tudo junto, passei umas boas horas a escavar com as goivas emprestadas. Na sessão de impressão, encontrei bom companheiros. O Lucas lembrou-se de “sprayar” previamente as folhas com cores fortes.

Saíram uns belos fundos. O pigmento do spray repeliu a tinta de impressão. Apareceram erros e acidentes. Para contorná-los, carreguei na tinta. Os veios começaram a ficar entupidos e apareceram outros erros e outros acidentes.

Um impressor exigente ficaria escandalizado com tanta displicência. Já um impressor Demiurgo tem uma boa desculpa. Não é só defeito, é também feito.





“Demiurgo”, Linogravura, 100x70cm



ANA  
TORRIE

Mulher Galo, a xilogravura desenvolvida para o projecto “Big Bang”, surge do processo visual para a peça - Mulher Romã - de Costanza Givone. É uma reflexão para uma nova abordagem do conto: o amor das três romãs - um príncipe que procura uma mulher idealizada e que com a ajuda de uma bruxa, que lhe oferece três romãs, vai encontrar através do fruto o seu desejo.

De maneira inquietante, com um olhar contemporâneo, questiona-se o lugar da mulher e do seu corpo neste conto. Quem é ela? Como lá foi parar? O que pensa e sente? Como expressar através de imagens as suas angústias por se encontrar enclausurada dentro de uma romã?

Foi através das características estéticas do teatro de sombras e do cinema expressionista alemão que se representou imagens do corpo de uma mulher, da sua imagem afastada da realidade, remetendo a lugares oníricos e grotescos, como nos pesadelos.

Das sombras e grandes contrastes e exageros distorcidos do corpo feminino se intensificou a experiência pessoal e subjetiva desta mulher.



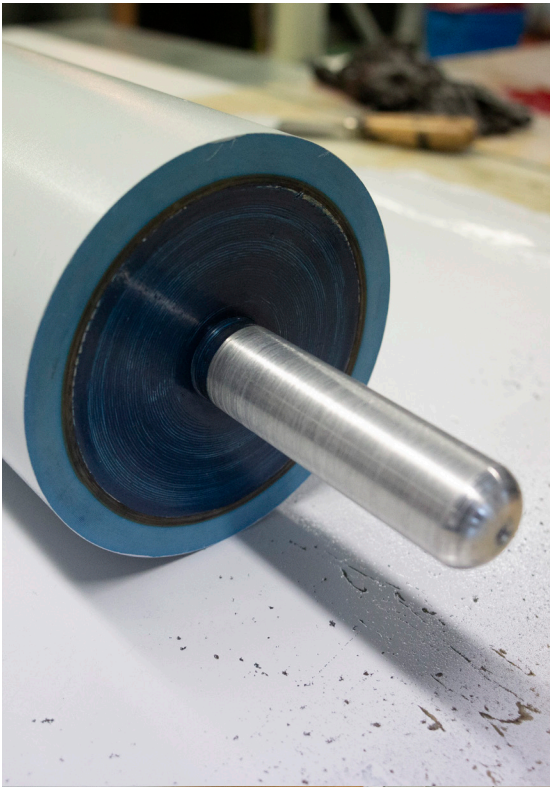


“Mulher Galo”, Xilogravura, 100x70cm



SAMUEL *Hiato - I*

ORNELAS O Homem deve amparar dentro de si uma árvore,  
e ir desaparecendo num nevoeiro de uma noite branca.  
Enquanto o sonho permanece,  
a imagem é quem nos olha e não nos reconhece.  
Entre algo que um dia já foi visto,  
e algo que neste instante se abstrai.  
Algo do tempo em que as nossas mãos alcançavam e ardiam  
da luz do sol roubada,  
escreveu-nos Saramago.  
O Tempo impresso, num suspiro, num salto entre margens,  
numa dobra amarrotada da pele.  
Da casca por onde escorriam os rios,  
dos veios por onde contavam-se as vidas vívidas.  
Devorávamos a aurora e perdíamos as formas materializadas,  
mergulhados nus, tacteávamos a febre.  
O brilho da escuridão nos revelava a luz do metal, da goiva,  
e afiávamos, nós, o próprio destino.  
Translúcidos, a sobreposição dos tempos nos entrava, nos  
saía, radiava e nos deslocava.  
Era atrás deste lapso, que ao redor do fogo, aquecíamos a  
beleza dos vícios,  
e consagrava-se o nascimento de uma filosofia.  
Acontecia ao romper o coração nas projeções das luzes  
talhadas,  
com o odor do Cedro.  
Até que consentimos brotar o espelho e, assim, deixámos de  
desaparecer,  
e permanecemos sempre, e sempre.  
Neste lugar, agora, ouve-se os ruídos dos caprichos,  
escondidos por baixo de um manto, branco.  
Houve um tempo em que um Homem levantou-se,  
e gravou a sua existência.





“Hiato”, Xilogravura, 100x70cm

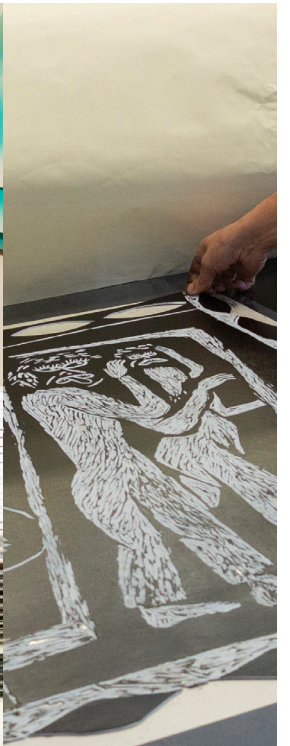


GONÇALO        Esta imagem tem por base o imaginário que tenho vindo  
DUARTE        a construir, e que vai sendo aplicado em cartazes, bandas  
desenhadas e outras histórias.

São duas personagens que estão entre o abraço e estranhos preliminares, a serem perseguidas por pensamentos de uma cabeça sem corpo, suportada por uma outra figura sem expressão.

Toda a imagem tem uma moldura desenhada a partir de formas ovais.

Foi uma experiência nova trabalhar com linogravura, marcada por algumas dificuldades de iniciante, como o uso das goivas e a resistência do linóleo e o pensamento da imagem em espelho.





“Não sei bem”, Linogravura, 100x70cm



BRUNO  
REIS

Rio Acima, foi esse o caminho da goiva, criando geografias, geografias que criavam mancha, mancha que mostrava as ideias preenchidas por tinta a rodo e que iam desaguar à pressão no papel.

Caminhada interior de descobrir e revelar que nunca vai acabar.

É assim que vejo a figura que anda sobre o papel, papel que faz papel de rio, que finge que tem movimento e ruído, é caos nascido da primeira explosão.

Firme na sua paz, ele surge caminhando com liberdade de ser curioso, definido nas falhas que a matriz têm.





“Rio acima”, Linogravura, 100x70cm

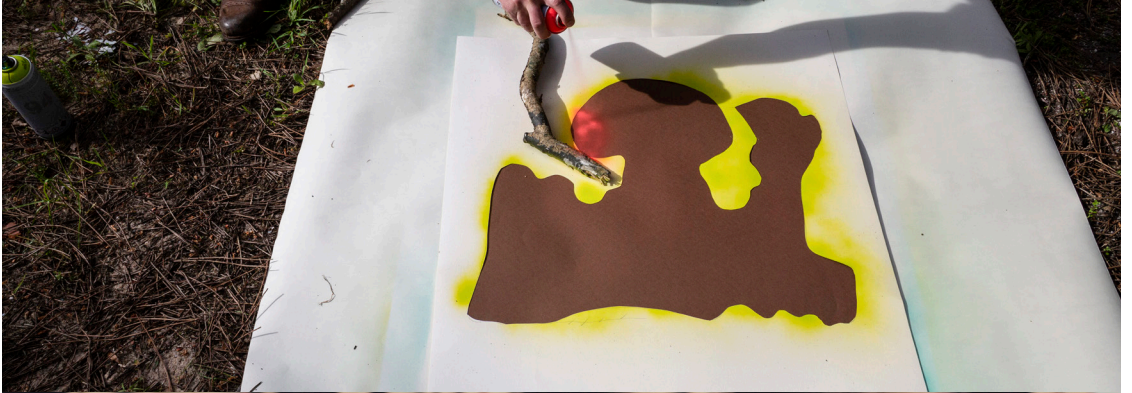


MIGUEL  
CARNEIRO

Quando se junta a sede à vontade de escavar, a maior prensa da Península Ibérica e um bater de asas sincronizado com um compadre da Oficina Arara dá nisto: três dezenas de provas, explorando diferentes combinatórias de cores, tintagens e papéis singularizados com máscaras de cor pintadas com sprays.

“QUIM-DOS-OSSOS” é um desenho em jeito de evocação tripartida: em primeira instância, ao admirável manguito que se tornou emblema do inconformismo e da subversão popular, eternizado pela pena afiada do mestre Rafael Bordallo Pinheiro em finais do Séc. XIX. Em segundo lugar, à tasca Quim dos Ossos, lugar singular pela originalidade do seu nome e pela especialidade gastronómica a condizer. Deste cruzamento bem temperado, o Zé Povinho esfolado, já esmifrado, sugado até ao tutano, mas hoje como sempre de punhos em riste tornou-se Quim-dos-Ossos, como quem diz: “Comeram-me a carne, agora que me roam os ossos”. E por isso, este é também um desenho-homenagem a todos os mortos que continuam vivos.

Os sulcos infligidos na madeira (ou, neste caso, no seu parente precário de média densidade) acentuam o acto de desenhar como quem escava reverberações passadas e futuras, arquétipos do inconsciente, iconografias fantasmáticas, numa demanda pela reactualização triturada de ícones visuais e linguísticos da tradição popular portuguesa.





“Quem é morto sempre aparece”, Xilogravura, 100x70cm



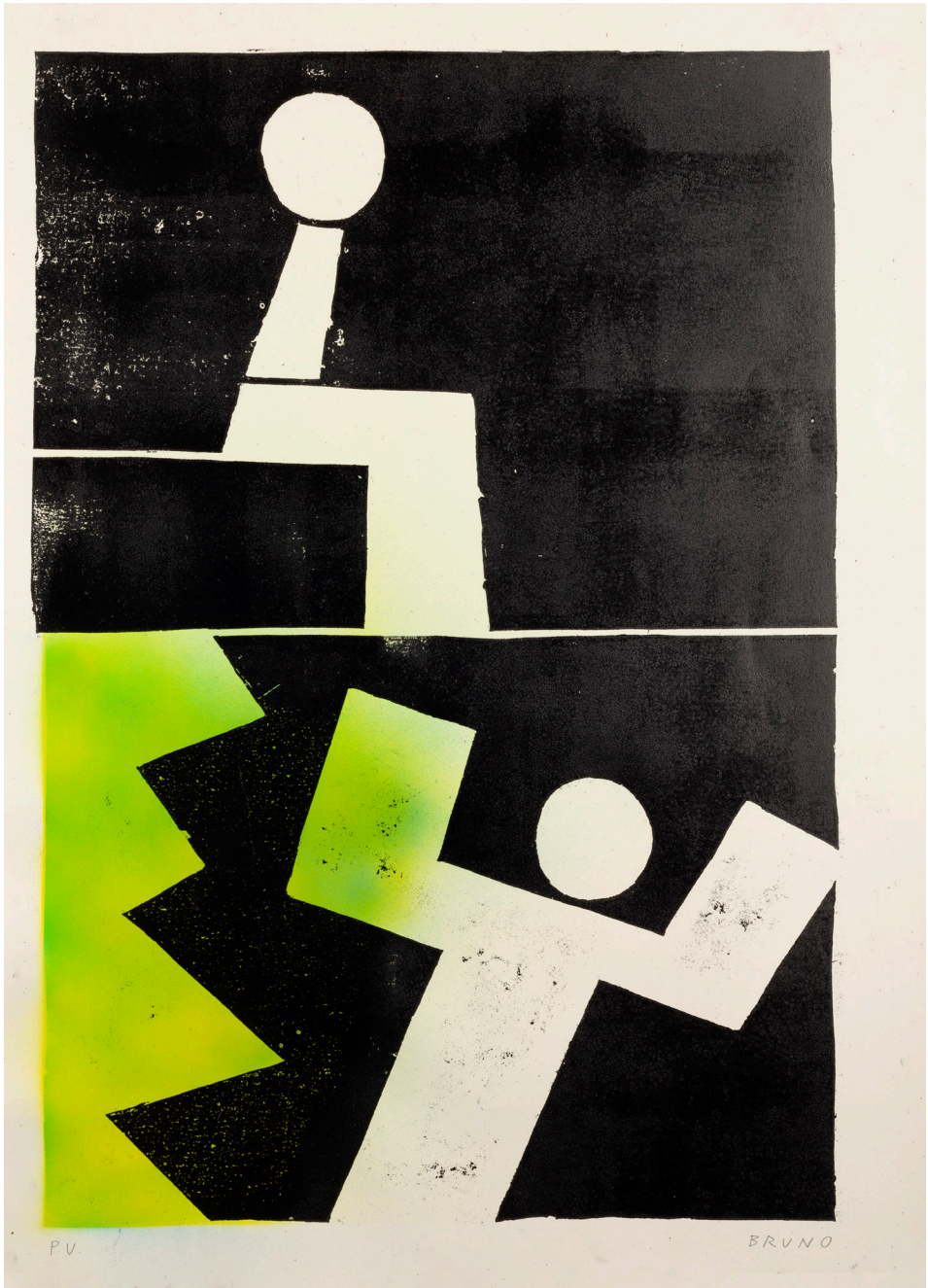
BRUNO  
BORGES

A gravura que realizei para o “Big Bang” parte de um desses desenhos-sequência, apresentado em dois quadros no mesmo plano, como uma banda desenhada. Na primeira cena, encontra-se uma personagem sentada. Esta é sacudida na vinheta seguinte por um forte clarão, que pode ser entendido visualmente tanto como vindo de um ecrã como de uma explosão. A ação decorre do registo e apresentação destas duas unidades de tempo, num ritmo binário, aproximando-se do tema proposto também pela sua sonoridade: big bang, pingue-pongue, tique-taque, etc.

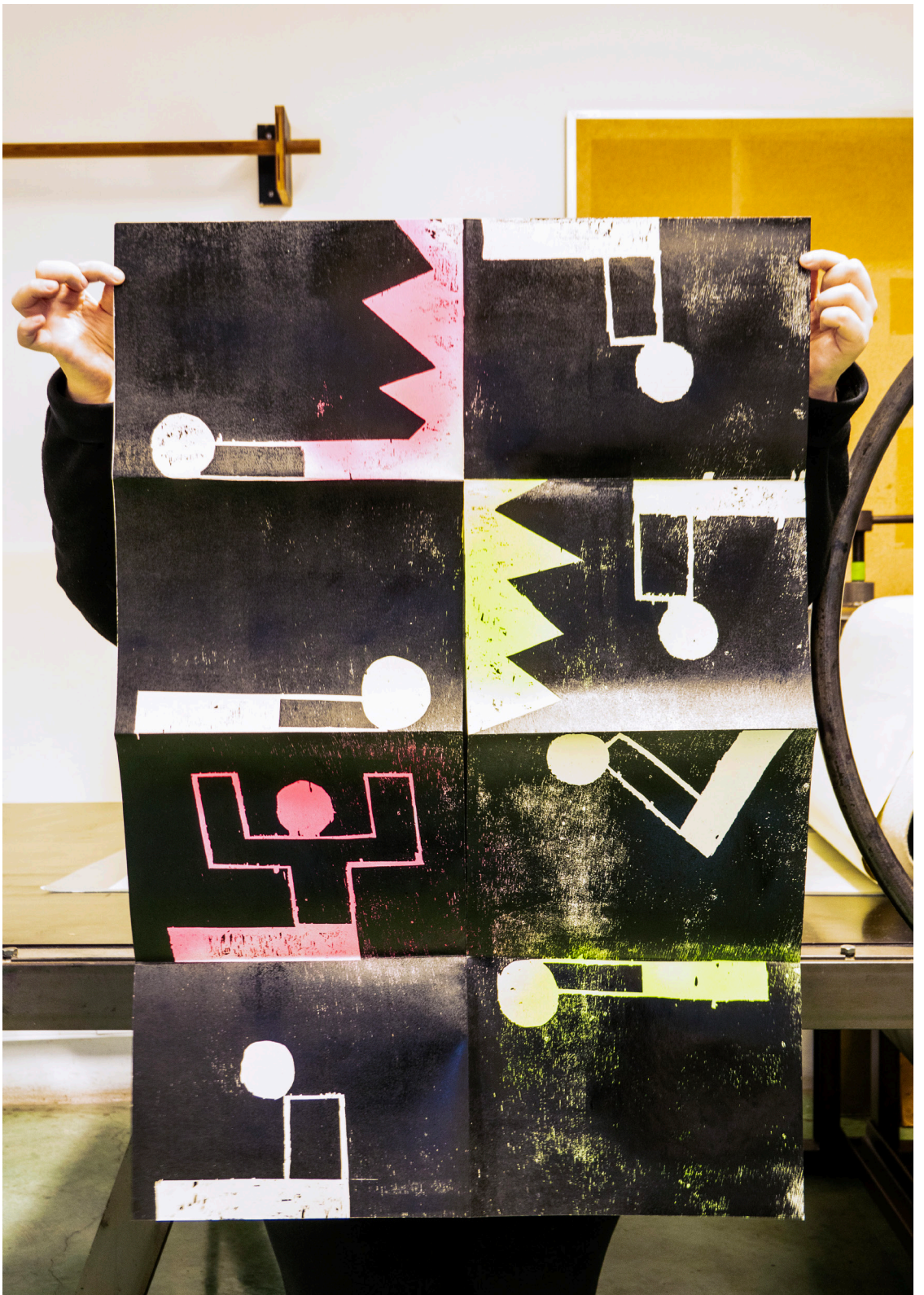
Os dois tempos estão ainda presentes, na construção da imagem que é gravada e depois impressa. Hans Belting escreveu sobre a mentira da imagem na veiculação de iconografia religiosa. A multiplicação das imagens tem como efeito torná-las públicas, garantindo-lhes assim um maior grau de veracidade, na procura e validação de um modelo originário; por mais absurdo que este nos pareça.

Se não aconteceu, podia ter acontecido. Se não é, poderia ser.





“Big Bang”, Xilogravura, 100x70cm







RICARDO  
CASTRO

Sem princípio nem chávena escaldada, um impulso atarrachado à mecânica de um pequeno monstro. Abrir a caixa de ferramentas, desenferrujar, passar lustre, trazer amigos, olhar a paisagem em redor: árvores de um lado, uma prensa do outro. Cenário de uma Roma em cinzas, ou de um simples boteco a plenos pulmões: empratamento idílico para, afinal, deixar boas impressões para memória futura.

E não seria assim uma escola sonhada, aquela onde uma cama desarrumada perfaz a melhor das noites? É tramado sujar as mãos, agora que as respostas estão todas semeadas, e as perguntas escondidas atrás das lombadas.

Melhor é assim tudo arrumadinho: levantar o ecrã, com o brilho a irradiar respostas e perguntas, perguntas e respostas, só princípio e só fim, *à toute vitesse* ninguém se chateia, está tudo muito bem, sim senhor, que o meio (o suco lento) está por vir.

Enfim, uma bela história não precisa do seu fim.





“Sequência narrativa incompleta”, Linogravura, 100x70cm





## **AGRADECIMENTOS**

ESAD.CR

PAULO SILVA

OS AMIGOS